



designação:

Fábricas de cerâmica do Cavaco e Monte do Cavaco

tipologia:

Complexo Industrial

período histórico:

Idade Moderna

freguesia:

Afurada

lugar:

Cavaco

coord. geográficas(datum 73):

-42402.2756,164191.5373,0

altitude (m):

40

carta 1/25 000:

122

dispersão dos vestígios:

Corresponde à fábrica e área envolvente.

código inventário arquitectura:

código nacional de sítio:

classificação / protecção:

Inventariado

categoria de protecção proposta:

Zona Arqueológica Inventariada

situação e acessos:

As fábricas situam-se na encosta do antigo Monte da Fraga, com acesso pela Rua do Cavaco.

espólio:

Para além da área da fábrica, deve registar-se a ocorrência de enormes caqueiros (fossas detriticas com grandes quantidades de restos de produção), onde abundam os restos de chacota e faiança comum, visíveis nos taludes da estrada, quer na parte superior (Rua do Cavaco), quer à cota mais próxima do rio, na Rua da Praia.

local de depósito do espólio:

trabalho realizado:

Visita

conservação:

Mau

uso do solo:

Urbano

ameaças:

Construção Civil

fontes:

ARAÚJO, J. 1992; SOEIRO et al. 1995; LEÃO 1997; LEÃO 1999; MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS 2001; SILVA, A. M.; RIBEIRO 2002; GUIMARÃES, S. 2004

observações:

Segundo alguns registos, o local destas fábricas ficaria ainda nas proximidades do "antigo cemitério dos ingleses" (SOEIRO et al. 1995:241; LEÃO 2001a:34), referência difícil de contextualizar historicamente.

breve caracterização:

O ex-frade Gualter da Piedade Queirós comprou em 1824 uma leira no Monte da Fraga, no Candal, para aí instalar uma fábrica de louça, conjuntamente com António Nicolau de Queiroz (LEÃO 1997). A fábrica teve uma vida atribulada durante a gestão do Pe. Gualter, por continuadas dificuldades financeiras. De 1842 parece datar entretanto a construção de uma capela, dedicada a Santo António ou a Nª Sª da Piedade (LEÃO 1999:272) e também referida como de S. Bartolomeu (GUIMARÃES, S. 2004:35). Após a morte do fundador, em 1860, a fábrica do Pe. Gualter ou do Monte do Cavaco passa a Tomás Nunes da Cunha, a quem estava arrendada desde 1858, e posteriormente a outras sociedades. Reformada em 1912 e depois por volta de 1918, na sequência de um incêndio, a unidade fabril terá laborado até meados do século XX (SOEIRO et al. 1995:242). Melhor conhecidas que as produções cerâmicas do Monte do Cavaco serão por certo as da Fábrica do Cavaco, se bem que entre estas duas unidades fabris vizinhas e contemporâneas se tenha estabelecido ampla confusão toponomástica, só recentemente deslindada por Manuel LEÃO (1999:238). Efectivamente, a Fábrica do Cavaco parece ter sido estabelecida em 1862 em terrenos da Quinta do Cavaco, contíguos aos da empresa fundada pelo Pe. Gualter, por Joaquim Nunes da Cunha, irmão de Tomás Nunes da Cunha, na altura proprietário da Fábrica do Monte do Cavaco. Passando por várias gerências, esta fábrica resistiu também até meados do século XX, com crescentes dificuldades (ARAÚJO, J. 1992:72-3), sucumbindo aparentemente, à semelhança do empreendimento vizinho, ao impacto final da construção da Ponte da Arrábida (LEÃO 1999:245). Se bem que se conservem diversos registos gráficos

destas unidades industriais (SOEIRO et al. 1995:243-245), o estado de ruína e degradação em que se encontram tornam o acesso ao local e a distinção entre as fábricas muito difíceis, pouco mais podendo apreciar-se que a fachada do complexo voltada à Rua do Cavaco e o espaço também já desfigurado da antiga capela oitocentista, ainda parcialmente revestida a azulejos.